

A LEMBRANÇA DE DEUS

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – novembro de 1965²

UM dos meios eficazes pelos quais se pode alcançar a liberação das amarras deste mundo é pela prática constante da presença de Deus, dizem os santos de todas as religiões e de todos os tempos. Geralmente, o homem está consciente do mundo físico, o mundo que pode ser apreendido pelos cinco sentidos: audição, tato, visão, paladar e olfato. Sua avaliação deste mundo na era presente é que ele é apenas uma entidade material. Ele nem mesmo o vê como criação de Deus. Sem dúvida, ele é movido e seduzido por seu panorama em constante mudança. O belo pôr do sol sobre um lago ou mar, as maravilhosas cores e extensão do arco-íris, a luz fresca da lua em uma noite silenciosa, cada um desses pode levá-lo ao êxtase. O murmúrio suave de um riacho e o doce canto dos pássaros acalmam seus nervos e, por vezes, o lançam em um êxtase, por assim dizer. No entanto, tudo isso pode tocar apenas a parte superficial nele, ou seja, seus sentidos e, até certo ponto, sua mente também. Ele pode lembrar-se desses momentos por toda a vida como momentos de alegria desinibida e inexprimível. Mas eles não lhe permitem fazer uma marca mais profunda em sua personalidade se não conseguem tocar algo do ser espiritual nele. A suscetibilidade de tal pessoa à Natureza é apenas passageira. No momento seguinte a uma experiência tão elevada, ele pode se lançar em algum ato covarde ou ação pervertida, sem qualquer remorso, se não acreditar em um propósito superior da vida, em um destino mais nobre do homem, em um Ser que vive em todos os seres e testemunha tudo. No entanto, essa influência da Natureza não é desconsiderada na vida espiritual. Na verdade, o primeiro êxtase de Sri Ramakrishna, que ocorreu quando ele era um menino de sete anos, pode-se dizer que foi induzido pela Natureza, quando um bando de garças brancas passou voando através das nuvens sombrias no vasto céu de uma vila, sem ser impedido por arranha-céus e a poeira e fumaça das cidades industrializadas. Mas, na maioria das vezes, o homem não se esforça para olhar além

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do editorial original em inglês, *Remembrance of God*.

das aparências, além do mundo fenomênico. É por isso que seus merecimentos também são do mundo. Não se pode alcançar o Além, o Eterno, recorrendo ao efêmero, diz Yama, o Senhor da Morte, a Naciketa na *Kathopanishad*. É também a experiência de todos neste mundo: como você semeia, assim você colhe. O que, então, deve-se fazer? Deve-se abandonar tudo? Sri Ramakrishna diz aos chefes de família que eles devem abandonar mentalmente. Ele diz: “Agarre-se a Deus com ambas as mãos quando não estiver ocupado com seus deveres. E faça até mesmo seus deveres com uma mão ainda segurando Seus pés de lótus.” E aos aspirantes que não estão sobrecarregados, pede-se que abandonem não apenas mentalmente, mas também exteriormente. O que acontece a um homem que se apega a suas posses e relações é descrito vividamente por Sri Ramakrishna: “Mesmo em seu leito de morte, uma pessoa apegada à sua riqueza pede aos que estão ao redor que baixem o pavio da lâmpada e não desperdicem tanto o óleo.”

As pessoas falam em abandonar tudo no final da vida, como se fosse tão fácil quanto descartar roupas gastas. Os apegos às coisas crescem gradualmente em sua pele, por assim dizer, ou melhor, vão ainda mais fundo, penetram na própria medula dos ossos, envolvem todo o seu ser. E pensar em abandonar essas atrações e posses no final da vida seria como ter seus ossos quebrados ou sua respiração sufocada. Mesmo quando em pleno vigor da juventude e da vida, nossos pensamentos giram em torno de nosso baú de tesouros. É então possível abandonar esse apego quando velho e frágil? Que os jovens não se iludam pensando que podem dedicar o fim de sua vida a Deus. Devemos ouvir os sábios que exortam: “Aplique-se diligentemente àquilo que é auspicioso, pois, verdadeiramente, quem sabe quando a morte nos arrebatará?”

Não pode haver duas opiniões sobre a duração da vida. Mesmo cento e vinte anos, que talvez seja o limite que um homem pode viver com saúde, são insuficientes para cumprir todas as ambições e desejos deste mundo. Que a vida é curta, até agnósticos e ateus admitem. Cabe ao homem fazer uso adequado de sua vida, para ir além da transmigração, para se afastar da roda do *samsara*. Novamente, se acreditarmos nas escrituras, que são autoridades em relação a tudo o que está além da compreensão humana, temos que aceitar que aqueles cujas ações são mais semelhantes às dos animais nesta vida provavelmente assumirão o nascimento de animais na próxima encarnação. “Por boas ações, alcança-se nascimentos superiores; por ações más, nascimentos inferiores; e por uma mistura de ambos, obtém-se o nascimento humano”³, diz o *Prasna Upanishad*. O *Chandogya Upanishad* afirma que “pessoas com ações meritórias nascem como *Brâmanes*, *Kshatriyas* ou *Vaishyas* (homens de temperamento piedoso), enquanto aqueles de ações más nascem como

³ Pr. Up. 3, 7

animais, como cães, porcos e semelhantes. Mas aqueles que não se enquadram em nenhuma dessas duas categorias seguem o terceiro caminho, de existências breves, como insetos e vermes, repetidamente”⁴.

Também é razoável supor que aquilo em que alguém pensa constantemente, nisso se torna. Se há desejos no homem que não podem ser satisfeitos no corpo humano [atual], é natural que um corpo adequado deva ser projetado, após a dissolução do corpo humano, para desfrutar desses desejos. Sri Krishna declara categoricamente: “Pensando em qualquer pensamento ao deixar o corpo, o homem vai para aquela forma, devido à sua contemplação incessante sobre ela”⁵. Esta é a razão pela qual Sri Sankara, no início do *Vivekachudamani*, exalta tanto o nascimento humano: “Raro é este nascimento humano; mais raro ainda é nascer como homem; ainda mais raro é nascer com boas tendências; mais rara ainda é a inclinação para a conduta correta enunciada pelos Vedas; superior a isso é o conhecimento das escrituras; acima disso está a capacidade de discriminar entre o Ser e o não-Ser, a experiência de Brahman e permanecer estabelecido n’Ele. (E isso é liberação.) Esta liberação não pode ser obtida exceto pelos méritos bem-conquistados de cem milhões de nascimentos”⁶.

Tendo nascido neste mundo imperfeito, temos de alguma forma nos livrar das limitações impostas a nós por todos os lados e de todas as maneiras. E superar essas limitações de uma vez por todas é chamado de *mukti*, liberação.

Da discussão anterior, sabemos como nos tornamos presos. Mas nela também está o caminho para sair. Se nos enredamos e nos prendemos pensando em coisas efêmeras, naturalmente segue-se que, contemplando o Divino, o Supremo, o Eternamente Puro, o Eternamente Consciente, o Ser Eternamente Livre, também absorvemos todas essas qualidades em alguma medida, até que finalmente o fascínio dos fenômenos desaparece em segundo plano e começamos a ver aquele Ser onipresente em tudo.

Sem dúvida, é difícil alcançar o objetivo, mas por isso não se deve negligenciar totalmente o caminho. Sri Krishna diz que até um pequeno ato de retidão salva alguém de uma grande catástrofe.⁷ Nem todos neste mundo são dotados dos mesmos dons de saúde, força e intelecto. Assim, cada um pode começar, à sua própria maneira humilde, a trilhar o caminho, e o mais fácil de todos é a lembrança de Deus.

Como fazê-lo? A cada momento de nossa vida, estamos fazendo algo, imaginando algo ou planejando algo. Não há um instante em que possamos viver sem atividade, seja mental ou física. Até o homem mais preguiçoso estará ativamente

⁴ Chandogya Up, V. x 7-8

⁵ Gita. 8 .6.

⁶ Vivekachudamani 2.

⁷ Gita, 2. 40.

sonhando com alguma grande fortuna. A inatividade é uma impossibilidade neste mundo, exceto para pouquíssimos, cujo número pode ser contado nos dedos. “Sua própria existência estará em perigo se você não trabalhar⁸”, diz Sri Krishna a Arjuna. Portanto, o trabalho não pode ser uma desculpa para não pensar em Deus. “Tudo o que fizeres, tudo o que comeres, todo sacrifício que ofereceres, toda dádiva que deres, toda austeridade que praticares, ó filho de Kunti, oferece tudo a Mim”⁹, enfatiza Sri Krishna. Quando você começa uma tarefa, invoca Suas bênçãos; quando a termina, a oferece a Ele. Você não anseia por resultados, pois estes também são dedicados a Ele. Assim, você se liberta dos frutos de sua ação. O trabalho e seus resultados não têm mais poder para aprisioná-lo. Você não tem nada a ganhar nem a perder — é apenas um instrumento d’Ele. Essa atitude é extremamente benéfica: ela subjuga o ego e, se praticada constantemente, pode até aniquilá-lo.

Não é possível lembrar-se de Deus sempre se O contemplamos apenas para buscar benefícios e depois O esquecemos completamente. Em cada ação e pensamento, Ele deve ser lembrado. Até o que comemos deve ser oferecido a Ele — justamente o momento em que as pessoas tendem a esquecê-Lo, seja pela atração do sabor da comida ou por outras circunstâncias. Um poeta cantou: “Considere o que você come como uma oferenda à Mãe Divina.” Essa é a atitude que devemos cultivar. O Senhor diz no Gita: “Como *Vaiśvānara* (o fogo digestivo), Eu habito nos corpos dos seres.”¹⁰ Eis uma sugestão para nossa contemplação: o que comemos pode ser visto como uma oferenda a Ele.

“Quando você se deita, pense que está se prostrando diante do Senhor”. Quando dá algo, pense que está oferecendo a Deus. Ele não vive em todos os seres? Este mundo é Sua criação, e tudo nele deveria nos lembrar d’Ele. Em vez disso, nos encantamos e nos prendemos a seu glamour, esquecendo-nos do Criador. É aí que perdemos o controle sobre a mente. A mente tenta nos afastar de nosso ser real, de Deus. Por quê? Porque, diz o *Upaniṣad*, ela foi criada com a tendência de se voltar para fora, junto com os sentidos¹¹. Os sentidos apresentam à mente tantas coisas sedutoras que, se não for bem controlada pela faculdade discriminativa, ela cai vítima dessas imagens atraentes e, inevitavelmente, esquece Deus.

Fazemos peregrinações e sacrifícios com motivos ocultos: para obter descendência, desfrutar dos prazeres do céu ou conquistar fama nesta terra. Mas no que resulta tudo isso? Nada disso — trabalho, filhos ou riqueza — pode colocá-lo no caminho da liberação. Somente renunciando a tudo isso o homem a alcança.¹²

⁸ Ibid, 3. 8.

⁹ Ibid., 9 27

¹⁰ Ibid., 15, 14.

¹¹ Kathopaniṣad, 4 1.

¹² Kaivalyopaniṣad. I. 3

O homem, inclinado a viver no mundo, não pode de repente atingir a perfeição em qualquer método de aproximação a Deus. Ele deve lutar e se esforçar, sem jamais relaxar. É como nadar contra a correnteza: se parar os esforços, és arrastado uma milha ou mais antes que possas compreendê-lo ou recuperar o fôlego. Sri Ramakrishna dá o exemplo de um barqueiro para ilustrar como se deve lutar para ver Deus. Enquanto o barco está nos meandros sinuosos do rio e o vento lhe é contrário, ele rema e permanece alerta, desviando-se dos bancos de areia e rochas ocultas. Mas uma vez que alcança a corrente principal, pode deixar de remar, desfraldar a vela ao vento favorável e desfrutar de um cachimbo. A corrente principal significa estar plenamente imbuído do pensamento de Deus; o vento favorável é a graça de Deus. Quando estas duas coisas se combinam, nada pode perturbar o devoto. Ele pode ter certeza de alcançar o objetivo.

Neste contexto, Sri Ramakrishna cita outro exemplo: o de um ourives em sua tarefa de fundir ouro. O ourives usa o fole, o tubo e o leque para gerar o calor necessário para derreter o ouro. Mas uma vez cumprida a tarefa, senta-se e desfruta do descanso pelo tempo que precisar.

Patanjali diz que o progresso na vida espiritual é proporcional à luta empreendida. Sri Ramakrishna afirma que nada pode ser alcançado por quem diz que tudo acontecerá com o tempo e não pratica coisa alguma.

Surge então uma dúvida: Homens têm praticado longa e arduamente antes de ter um vislumbre de Deus. É então possível vê-Lo apenas praticando Sua presença ou lembrando d'Ele constantemente? Bem, houve santos que atingiram esse estado unicamente pela lembrança de Deus. Mas sua lembrança era genuína. Usando uma expressão de Sri Ramakrishna, “não havia roubo na câmara de seu coração”. Entregaram-se por completo, sem reservas.

A lembrança de Deus pode parecer uma prática insignificante, que não vale o esforço. Mas se refletirmos mais profundamente, veremos que não é tão fácil quanto parece. Envolvido nos deveres do mundo, o homem esquece Deus completamente. E mesmo que pronuncie Seu nome, podem mover-se apenas os lábios, sem tocar o coração — sua adoração estará noutro lugar. Sri Ramakrishna contava uma história para ilustrar isto: Certa vez, Narada, orgulhoso de ser um grande devoto do Senhor, foi a *Vaikuntha* (morada de Narayana). O Senhor, conhecendo o pensamento de Narada, disse: “Narada, vai a tal lugar. Um grande devoto meu vive ali. Cultiva sua amizade, pois ele é verdadeiramente dedicado a Mim.” Narada foi e encontrou um camponês que se levantava cedo, pronunciava o nome de Hari (Deus) apenas uma vez, pegava o arado e trabalhava a terra o dia todo. À noite, deitava-se após pronunciar o nome de Hari mais uma vez. Narada pensou: “Como pode este rústico ser um amante de Deus? Vejo-o ocupado em deveres mundanos, sem traços de piedade.” Retornou ao Senhor e contou sua impressão. Então o Senhor disse:

“Narada, toma esta taça cheia de óleo, dá a volta nesta cidade e volta com ela. Mas cuidado para não derramares uma única gota.” Narada obedeceu. Ao retornar, o Senhor perguntou: “Quantas vezes te lembraste de Mim durante o percurso?” “Nenhuma, meu Senhor. Como poderia, se tinha de vigiar esta taça transbordando de óleo?” O Senhor então disse: “Esta única taça de óleo desviou tua atenção a ponto de te fazer esquecer-Me por completo. Mas olha aquele camponês: mesmo carregando o pesado fardo de uma família, ainda assim lembra-se de Mim duas vezes ao dia.”

Nossa devoção não é julgada pelo que professamos, mas pelo modo como vivemos. O Senhor olha o coração do devoto, não apenas suas ações exteriores. Se não há consonância entre interior e exterior, as práticas não produzem os frutos desejados. Da plenitude do coração, a boca deve falar, e da plenitude do coração, as mãos devem agir. A verdadeira lembrança faz do homem um deus. Sua própria proximidade, nascida do verdadeiro amor a Deus, faz com que aqueles perto dele sintam a presença do Altíssimo. No entanto, tal lembrança só vem após um longo período de *sadhana* (prática espiritual). Ainda assim, este método está aberto a todos — altos e baixos, pobres e ricos. Pratiquemo-la e sejamos benditos.

• • • •